



Emília Araújo & Eduardo Duque (eds.) (2012)
Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas
Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em
Ciências Sociais
ISBN: 978-989-8600-07-3

Na letra do Tempo. Caminhos e descaminhos de uma etnografia de práticas temporais

MÓNICA FRANCH

Universidade Federal da Paraíba

mfranch2004@yahoo.com.br

Resumo:

Neste trabalho, apresento algumas reflexões de cunho teórico-metodológico extraídas da minha pesquisa de doutoramento em antropologia¹, que versou sobre os usos e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares da cidade do Recife (Nordeste do Brasil). Mais do que expor os resultados da referida pesquisa, busco aqui compartilhar com o leitor alguns dos caminhos trilhados na apreensão das temporalidades de um grupo social concreto. Para isso, começo o texto introduzindo brevemente os aspectos gerais da pesquisa realizada – o processo de definição do objeto, os objetivos do trabalho e o contexto do estudo. Em seguida, apresento os pressupostos teórico-metodológicos e os principais aspectos da construção da pesquisa e do texto etnográfico, acompanhados de exemplos práticos de como esses pressupostos foram postos em ação ao longo da pesquisa. Minha intenção é mostrar ao leitor de que maneira fui encontrando o tempo nas entrelinhas do trabalho de campo, e o modo como essa busca se traduziu numa narrativa de tipo etnográfico.

Palavras-chave:

Tempo, identidade, prática, jovens

Introdução

Em 1998, concluí minha dissertação de mestrado sobre as práticas do tempo livre desenvolvidas por jovens de uma comunidade de baixa renda do Recife². Para a realização desse estudo, entrei em contato com muitos jovens de ambos os sexos, a maioria de idades inferiores ou pouco além dos 20 anos, solteiros e sem filhos, conforme a compreensão

¹ Tese em Antropologia, defendida no ano de 2008, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da Profa. Dra. Maria Rosilene Barbosa Alvim e com o título *Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre os usos e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife*.

² Dissertação defendida no ano de 1998, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da Profa. Dra. Judith Hoffnagel, com o título *Tardes ao leu: um ensaio sobre os usos do tempo livre entre jovens de periferia do Recife*.

generalizada do que é “ser jovem” naquele contexto. Alguns anos mais tarde, com motivo de uma nova pesquisa³, retornei a essa mesma comunidade.

Em pouco tempo, minha vida havia se transformado bastante. Passara de solteira a casada, de mestranda a mestre e pesquisadora; tinha tirado minha carteira de motorista e havia comprado um carro usado que me permitiu, pela primeira vez, chegar à comunidade sem depender de ônibus. O tempo tinha andado depressa para mim. Sentia-me em movimento. Nesse momento da minha vida, reencontrar os jovens com os quais tanto havia caminhado alguns anos atrás me causou algumas surpresas. As vidas deles também haviam se transformado bastante, mas em alguns casos isso tinha ocorrido em direções bem diferentes da minha.

Alguns jovens tinham sido assassinados, ou morreriam ainda durante minha pesquisa, deixando comigo uma sensação de perplexidade e de desperdício, o estupor de ver como o tempo lhes fora roubado, de forma tão violenta e definitiva. Essas mortes traduziam em histórias de vida (e de morte) os preocupantes dados estatísticos que apontam para a alta incidência de mortalidade por causas externas entre homens jovens nas metrópoles brasileiras⁴. Outras transformações eram menos dramáticas, mas nem por isso menos surpreendentes. Sofia e Marita, por exemplo, tinham passado de namoradas e filhas rebeldes a esposas e mães de família devotadas, tudo isso em um tempo recorde. Em compensação, outros jovens pareciam-me “parados no tempo”, à espera de uma oportunidade que nunca chegava. Lembro-me de ter reencontrado Maria, que orgulhou sua mãe ao concluir o ensino médio, olhando as horas passar, dia após dia, no portão de sua casa, com a mesma expressão de desânimo no rosto. Está difícil, costumava dizer para mim, muito difícil. A situação de Maria, como a de muitos outros jovens que “terminavam os estudos⁵” e não se inseriam satisfatoriamente no mercado de trabalho, parecia-me uma descontinuidade biográfica. Era um desafio, para mim, compreender de que modo esses jovens, que pareciam ter acreditado na narrativa de progresso pessoal através da escolarização, vivenciavam agora essa interrupção em suas vidas.

A imagem de Maria à porta de casa, olhando entediada o movimento da rua, também me convidava a pensar sobre o alcance da tão propalada aceleração do tempo. Como conciliar as teorias que falam de que vivemos numa sociedade cada vez mais veloz com aquela sensação de imobilidade que a imagem de Maria transmitia para mim? Será que esses jovens se sentiam, por acaso, “fora de seu tempo”, avançando lentamente por uma trilha estreita, alheios aos fluxos e conexões velozes do espaço-tempo virtual? Ou tudo não passaria de uma dificuldade de me colocar do outro lado, de ver “o ponto de vista do nativo”? Com efeito, a comparação entre minha vida e a de jovens como Maria, Sofia e Marita sugeria que, nas nossas sociedades estratificadas e complexas, é possível encontrar

³ Pesquisa *Os jovens e a cidade: habilidades, conhecimentos e reprodução social*, coordenada por Karen Tranberg, da Universidade de Northwestern, e promovida pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Copenhague (Hansen, 2008).

⁴ Apesar do declínio das taxas de mortalidade juvenil por causas externas, principalmente assassinato, nos últimos anos, elas permanecem altas – em 2008, a taxa de homicídios juvenis foi de 52,9 em 100 mil (Waiselfiz, 2011).

⁵ Percebe-se uma mudança significativa nas expectativas escolares dos jovens nos anos que decorreram da minha pesquisa aos dias de hoje. Como resultado do forte investimento público na ampliação da cobertura do ensino universitário, jovens de periferia atualmente almejam concluir um curso universitário. Na época em que realizei meu estudo (com o campo concluído no ano de 2005), essas expectativas terminavam no ensino médio.

diversos tipos de temporalidades, e que a sensação de estranhamento que me invadia ao reencontrar esses jovens não passava, talvez, de uma forma de experimentar a alteridade – neste caso específico, uma alteridade temporal.

A partir destes incômodos e estranhamentos, fui delineando o objetivo geral de meu estudo: investigar sentidos e práticas temporais por parte de jovens de grupos populares no Grande Recife. Essa escolha permitia, por um lado, aprofundar meus conhecimentos sobre juventude, a partir de uma categoria (o tempo) integradora de várias dimensões usualmente trabalhadas de forma isolada – trabalho, lazer, família, escola. Por outro lado, a escolha temática me permitia olhar para a literatura sobre o tempo na contemporaneidade a partir de um grupo social, a princípio, pouco representativo dessas mudanças: jovens pobres, moradores da “periferia do capitalismo”, cujas vidas pareciam se desenvolver num ritmo diferente daquele defendido pelas teorias sobre a aceleração do tempo⁶.

Para refletir sobre essas questões, fiz opção por uma abordagem etnográfica, que acompanhasse a vida de jovens de grupos populares, no espaço de suas relações sociais cotidianas. O grosso da pesquisa foi desenvolvido numa comunidade de baixa renda, situada na zona norte da cidade de Recife – a mesma localidade em que eu havia desenvolvido previamente minha pesquisa de mestrado, o que me garantia um conhecimento de longo prazo de algumas das famílias ali residentes. A renda dos moradores, à época do estudo, era igual ou inferior a um salário mínimo por família⁷. Moravam no local aproximadamente três mil famílias, exercendo profissões, em sua maioria, não qualificadas (biscateiros, vendedores de rua, trabalhadores da construção civil, entre outros). Nesse espaço foi desenvolvida a observação participante de longa duração; também foram realizadas 48 entrevistas individuais e em grupo, bem como foi feita aplicação de 50 questionários. A observação de longa duração foi complementada por observações pontuais e entrevistas em mais duas localidades pobres: uma situada num bairro central de Recife, tristemente conhecida pela violência decorrente do tráfico de crack; e a outra, localizada fora do Recife, num município da região metropolitana. Na escolha dos jovens que fizeram parte do estudo, tentei levar em consideração a variedade de situações no que diz respeito a ocupação/institucionalização (dentro e fora da escola, trabalhando e sem trabalho), condição de gênero, situação familiar (solteiros, casados, com e sem filhos) e idade. As escolhas e delimitações desse objeto tão vasto serão apresentadas a seguir.

1. Ver e ouvir (n) o tempo: delimitação de objeto

A primeira delimitação da pesquisa diz respeito às dimensões priorizadas para permitir o diálogo com as questões teóricas em jogo. Como já foi salientado anteriormente, o tempo, enquanto categoria sintética, permite abordar diversas temáticas usualmente esparsas nos estudos sobre juventude, tais como escola, lazer, trabalho etc. No meu

⁶ Discuto essas teorias em minha tese de doutorado (Franch, 2008).

⁷ Em 2002, data em que a pesquisa teve início, o valor do salário mínimo era de R\$200,00, inferior a US\$100,00. Registro aqui a modificação nas condições de vida e na renda das famílias de grupos populares no Brasil, nos últimos 10 anos, com a expansão de políticas de redistribuição de renda (principalmente o Bolsa Família), o aumento de oferta de emprego no setor formal da economia, e o aumento do salário mínimo, que hoje está em R\$622,00 (aproximadamente 300 dólares americanos).

percurso analítico, porém, tais temáticas ficaram sempre subordinadas a duas dimensões prioritárias: o tempo cotidiano e o tempo biográfico.

O tempo cotidiano diz respeito às práticas que os jovens realizam em seu dia a dia, incluindo as diferenciações que estabelecem entre o tempo ordinário e o extraordinário, e o papel do planejado e do imprevisto em sua organização temporal (Tabboni, 2006). Analisar o tempo cotidiano me permitiu compreender o papel que as instituições educativas, o mundo do trabalho, a família e as esferas recreativas possuem na organização corriqueira da vida de jovens que estão diferentemente inseridos nessas instâncias. Do ponto de vista da literatura especializada, essa análise se relaciona com as inquietações a respeito do impacto que as mudanças no mundo do trabalho introduziram no cotidiano das pessoas. Tratando-se de jovens, também diz respeito aos questionamentos sobre o papel das instituições juvenis, muitas delas ligadas a formas tradicionais de socialização, face aos novos contextos socializadores, como as mídias digitais e os grupos de pares (embora, nesse caso específico, não estejamos falando de “novos contextos”).

Metodologicamente, o acesso ao tempo cotidiano foi possibilitado pelas observações *in loco*, bem como (p)elas entrevistas em profundidade e pelos questionários anteriormente mencionados. Uma estratégia de muita utilidade foi a introdução de uma “agenda do jovem” no final de cada questionário preenchido. Livremente inspirada nos time budgets, a “agenda do jovem” consistia numa tabela para preenchimento, verticalmente dividida pelos sete dias da semana, e horizontalmente repartida em três períodos – manhã, tarde, noite. Os jovens eram solicitados a escrever nessa tabela as atividades realizadas na semana anterior à aplicação do questionário. Em entrevista posterior, a tabela era amplamente discutida com os jovens, de modo a perceber até que ponto aquela semana era uma semana “típica” em relação às outras e que aspectos modificam seu cotidiano – feiras escolares, greves dos professores, desemprego, mudança de categoria de idade (e o consequente afastamento de políticas voltadas aos adolescentes) etc.

Vejamos de que maneira essa abordagem funcionou na prática, a partir de dois excertos de entrevista. O primeiro deles corresponde à entrevista com Douglas, 23 anos, desempregado e solteiro. A conversa abaixo ocorreu enquanto preenchíamos, juntos, a sua agenda do jovem.

Mónica: Hoje é três e é sábado. Ontem tu fizesses o quê?

Douglas: Ontem eu passei o dia em casa jogando videogame com os meninos, o dia todinho. Acordei tarde, aí passei a tarde aqui jogando.

Mónica: Acordeasse que horas?

Douglas: Acordei de 11 horas [...]

Mónica: E à noite?

Douglas: À noite fiquei namorando [...]

Mónica: E quinta, como foi?

Douglas: Quinta-feira? Passei o dia em casa também, e à noite a gente saiu. A gente foi pra San Martin [bairro vizinho] pra uma festinha, pro parque. Ficamos bebendo lá até quase três horas da manhã e depois fui dormir.

Mónica: E em casa fizesses o quê na quinta?

Douglas: Passei o dia assistindo [televisão]. Sempre é assim, assistindo, jogando dominó, conversando... [...]

Mónica: E quarta-feira?

Douglas: Quarta-feira... não lembro. É a semana todinha sem fazer nada, a mesma coisa que a gente faz, por isso que fiquei sem assunto pra falar. Só muda quando é um feriado ou final de semana que muda, que a gente sai, vai jogar bola, pra praia, mas de segunda a quarta ou quinta-feira quando não tem feriado é sempre essa rotina. Fiquei em casa a semana todinha.

Mônica: Domingo passado tu lembra?

Douglas: Domingo passado eu lembro. Fui pra um piquenique na Cachoeira do Urubu.

Vejamos agora o dia a dia de uma estudante. Esta é Mara, de 15 anos de idade, aluna de uma escola de ensino médio, que morava com a mãe e a irmã mais velha numa pequena casa de aluguel. Perguntada sobre seu cotidiano, Mara respondeu:

Mara: De manhã eu acordo, aí escovo os dentes, tomo café, faço as coisas aqui em casa, aí depois que termino fico assistindo televisão. Aí quando está perto de eu ir pro colégio, aí faço o almoço, tomo banho, almoço e vou pra escola.

Mônica: A que horas você se acorda?

Mara: Em época de escola, às sete, sete e meia. Agora, dia de férias, oito, oito e meia [...]

Mônica: Todas as manhãs você está dentro de casa?

Mara: Tô.

Mônica: E por que você fica em casa?

Mara: Porque eu gosto e também não tem para onde eu sair não. Geralmente eu só saio de manhã quando estou fazendo algum curso [...]

Mônica: A que horas termina a escola?

Mara: Seis. Normalmente é pra terminar de seis, mas tem alguns dias que não termina, por conta das aulas vagas.

Mônica: Isso acontece muito?

Mara: Muito.

Mônica: Depois da escola você vem direto pra casa ou você vai pra algum lugar?

Mara: Não. Depois da escola eu venho direto pra casa.

Os trechos acima ilustram o rendimento da “agenda do jovem”, devidamente comentada em entrevista, para apreender aspectos significativos da organização do tempo cotidiano desta geração, no grupo social escolhido. A fala de Douglas, primeiro entrevistado, representa bem o desafio de “fazer tempo” quando existem tão poucos marcadores externos. A presença do tempo do relógio, nesses casos, é reduzida ao mínimo, como também o uso dos dias do calendário. São os eventos relativos à sociabilidade e ao divertimento que permitem contar o tempo, singularizar os dias e, deste modo, dar a este jovem um sentido de duração. A sincronização com os amigos e a eventual participação em atividades de lazer são as únicas formas de fixar um tempo que escoar, simultaneamente, veloz e devagar – veloz porque, sem referências que permitam sincronizar as temporalidades individuais e aquelas coletivas, a memória não consegue fixar os dias que se passam (Halbwachs, 2006); e devagar porque as horas, quando não há o que fazer, parece que demoram mais a passar. Curiosamente, esvaziado o tempo, esvazia-se, de certo modo, o ser, e é por isso que Douglas afirma ter ficado “sem assunto pra falar”.

Já o dia a dia de Mara é marcado pelo tempo institucional e pela sua condição de gênero e idade. Com efeito, seu cotidiano é submetido às exigências do projeto escolar, obedece aos ditames da autoridade materna e respeita as expectativas de interioridade

socialmente atribuídas ao sexo feminino. A frequência à escola marca o ciclo anual de Mara em dois períodos (a “época de escola” e “os dias de férias”), estabelece uma distinção na semana (dias de escola e final de semana) e divide os dias em vários horários e seus respectivos espaços (manhã/casa, tarde/escola, noite/casa). Contudo, a referência às “aulas vagas”, ou seja, àqueles horários em que os jovens ficam sem aula devido à ausência de um professor, revela as brechas desse tipo de socialização temporal, quando comparada com a realidade escolar em outros países, ou mesmo em outros grupos sociais no Brasil⁸.

A segunda dimensão temporal privilegiada na pesquisa foi o tempo biográfico. Essa dimensão engloba a percepção que os jovens têm de suas vidas, os momentos cruciais ou eventos biográficos que marcam um antes-e-depois em suas trajetórias, fornecendo-lhes frequentemente um sentido de identidade (Tabboni, 2006; Leccardi, 2005). Os relatos biográficos juvenis foram o principal instrumento para esta abordagem, que dá atenção especial à ação significativa dos indivíduos no encontro (e no desencontro) entre os constrangimentos sociais e a vivência pessoal da temporalidade. Foi, sobretudo, a partir do trabalho interpretativo das entrevistas que um amplo leque de sentidos temporais foi se descortinando e a trama da temporalidade juvenil foi ganhando forma e densidade semântica.

Se o debate de fundo, ao pesquisarmos a dimensão do tempo cotidiano, é a persistência ou não de certos ritmos diários ligados ao mundo do trabalho e às instituições, o tempo biográfico nos remete para o debate sobre linearidade e fragmentação das experiências quotidianas, e a possibilidade das pessoas fazerem sentido do tempo presente, numa linha de continuidade com seu passado e seu futuro. Para ilustrar a maneira como essa dimensão temporal foi abordada na pesquisa, transcrevo abaixo um trecho de entrevista realizada com uma garota de 13 anos. O excerto foi escolhido pelo fato de se tratar de uma narrativa sobre a morte de alguém próximo – um irmão. Trata-se de um evento dramático, uma ruptura com o cotidiano que, no entanto, é incorporado à trajetória biográfica da jovem por meio de um trabalho ativo de recuperação da memória do falecido, de forma a construir continuidades entre passado e presente, entre os vivos e os mortos:

“O meu [irmão] mataram ele enganado, pensando que era outra pessoa. Ele estava fazendo [limpeza] num terreno, o homem dava cinquenta reais a cada um. Aí ele estava ajudando, aí disseram assim: “Bora lá, que vêm os caras”. Aí ele disse: “Eu não vou, eu vou ficar”. Aí deram um tiro nele. Ele morreu, ele passou ainda um dia no hospital. Minha mãe foi visitar, eles ficam com um negócio na mão, que não podem falar, aí minha mãe falou muito com ele, disse que ficou apertando a mão dela assim, aí quando minha mãe virou as costas, aí o aparelho começou a apitar, aí minha mãe não sabia o que era, saiu chorando, aí tia G. foi lá, falou com doutor, aí ela saiu chorando, aí minha mãe disse assim: “foi o que, foi o que?” “Não foi nada, não. Vamos embora”. Quando foi depois ela fez, mandou a gente ligar, aí quando a gente ligou: “Teve mais jeito, não”. Minha mãe começou a chorar. Aí meu irmão ainda foi atrás desse homem que matou ele, só que não pegou não, não pegou não. Esse aí [refere-se ao assassino do irmão] minha mãe deu comida a ele. Ele pediu desculpas a minha mãe, minha mãe disse que não queria falar sobre isso. Ele está preso, só que não está preso quem matou mesmo ele, não. Minha mãe deu comida a ele, ele estava com

⁸ Sobre o tempo escolar, ver Adam (2005) e Vieira (2012).

fome, minha mãe deu comida a ele, deu pão, deu água. Minha mãe não gosta dele mas tem que falar com ele, né. Ele fala com minha mãe, minha mãe quando vai no presídio visitar os meninos, ela é crente, aí ela vai lá, ela vê ele toda vez, ele vê ele”.

Pelo relato, fica claro que Luana não testemunhou nem o assassinato do irmão, nem seus últimos momentos na UTI, mas descreve ambos os fatos como se deles tivesse um conhecimento de primeira mão. Em sua narrativa convergem o relato dos trabalhadores que estavam com o irmão antes de sua morte, e que presumivelmente presenciaram esse evento, e o relato da mãe de Luana, que foi quem, efetivamente, esteve no hospital. O fato de a jovem assumir, apesar de sua não presença, uma posição de narradora onisciente sugere que estamos diante de um episódio de memória familiar (Müxel, 1996), uma narrativa construída coletivamente com vistas a dar continuidade simbólica ao grupo, apesar da presença de rupturas e discontinuidades. É interessante, nesse sentido, a caracterização do irmão como trabalhador, logo no início do relato (o irmão estava limpando um terreno em troca de dinheiro), bem como a classificação de sua morte como sendo “por engano”, interpretação fortalecida pelo arrependimento do assassino no presídio. Cabe salientar que Luana perdeu outro irmão em decorrência da violência, mas não há, nesse caso, um investimento semelhante, uma vez que se trata de um meio-irmão, apenas por parte de pai, não sendo portanto incorporado à linhagem simbólica que se constrói e reconstrói através das memórias.

2. Escrever (n)o tempo: uma narrativa etnográfico-temporal

Um segundo momento importante na realização da pesquisa foi a transposição dos dados de campo para o texto etnográfico. Como já dizia Malinowski, a distância que separa o material bruto do texto etnográfico é enorme. Buscar um eixo que ordene essa heterogeneidade significa, na maioria das vezes, organizar nosso pensamento e tomar posicionamentos a respeito do que vimos e aprendemos. Na pesquisa em questão, resolvi aprofundar apenas as histórias de alguns jovens, que me pareceram representativas da variedade de sentidos e práticas temporais do grupo estudado. Ao invés de realizar uma análise horizontal, apresentando tematicamente os diversos elementos da temporalidade juvenil, optei por fazer uma análise vertical que me permitisse aprofundar algumas das construções do tempo biográfico e do tempo cotidiano juvenil a partir de um número reduzido de casos. A organização textual do trabalho se inspira na tradição da análise biográfica em antropologia, representada, entre outros, por Sidney Mitz e Oscar Lewis. As histórias escolhidas me permitiram ilustrar questões como a relação dos jovens com diversas instituições e seus efeitos na vivência do tempo, a dimensão do risco e da violência no cotidiano juvenil, o trabalho, a família e, por fim, a sociabilidade e o espaço das ruas em relação à estruturação biográfica e cotidiana. Essas dimensões não aparecem separadas nos relatos, e ainda se relacionam com outras esferas pouco desenvolvidas no trabalho, como a religião. Parafraseando Lévi-Strauss, pode-se dizer que a terra do tempo, como aquela dos mitos, é redonda. Uma vez que o tempo está imbricado em todas as dimensões da vida social, é quase inevitável ir contornando as diversas esferas quando partimos de

alguma delas. Qualquer divisão feita no texto cumpre um caráter ilustrativo, não correspondendo à complexidade do tempo vivido, em que tudo se mistura.

A análise dos casos escolhidos foi construída aos poucos, seguindo a lógica das narrativas de cada entrevistado mas, também, me apropriando de forma criativa de contribuições de outros estudos sobre o tempo social. De Herbert Mead (2008) extraí a primeira grade de análise para meus dados, em que procurava estabelecer os três modos temporais que formam a base de sua análise social do tempo: presente, passado e futuro. Para o autor, esses três modos temporais, apenas o presente existe: “a realidade existe no presente. O presente, certamente, implica um passado e um futuro e a ambos negamos a existência” (Mead, 2008: 1). Ou seja, embora passado e futuro estejam presentes na construção do tempo pelos indivíduos, essas duas dimensões são concebidas por Mead como representações, não como práticas sociais. É a partir de situações presentes que os indivíduos trazem à tona situações passadas e projetam cenários futuros. O tempo teria, de acordo com essa percepção, um caráter hipotético.

As ideias de Mead forneceram um ponto de partida para a análise do tempo biográfico dos jovens entrevistados. Assumindo que é a partir do presente que os jovens selecionam eventos do passado e elaboram (ou não) suas ideias de futuro, busquei conhecer os eventos que forneciam a base para a compreensão do momento de vida em que os jovens conversaram comigo. Busquei, igualmente, perceber até que ponto existia um senso de continuidade em suas trajetórias ou se elas eram apresentadas episodicamente, o que indicaria uma compreensão mais fragmentada e descontínua do tempo. Também procurei identificar quais são os eventos biográficos que organizam essa trajetória, nos permitindo encontrar frequentemente áreas de continuidade e outras de descontinuidade. Quanto à dimensão do futuro, não tencionei desvendar até que ponto as expectativas de futuro se concretizam e sim de que maneira essa dimensão fazia parte da percepção temporal dos jovens.

Essa primeira grade foi posteriormente complementada por uma análise temática, com atenção às dimensões sociais mais relevantes nas entrevistas aos jovens: trabalho, escola, família, igreja, lazer/consumo, violência/risco. As ideias a respeito do curso da vida também foram analisadas em todas as entrevistas e questionários. Mais do que traçar as trajetórias profissional, educativa e familiar de cada jovem, o que procurei foi atentar para as dimensões simbólicas do tempo, fazendo uso de algumas das dimensões mencionadas por Barbara Adam a respeito dos significados do tempo no Ocidente (Adam, 1995, pp. 20-24): a localização dos eventos no tempo (a time when); o timing ou a compreensão de que existem tempos “bons” e tempos “ruins” para determinadas ações; e o compasso⁹ e intensidade de cada tempo, o que me levou também a considerar a duração dos diversos eventos narrados.

Escrever o tempo resultou, portanto, de uma dupla seleção. A seleção feita pelos jovens que, ao falarem comigo, escolhiam os aspectos de suas vidas que queriam me

⁹ A autora utiliza a palavra “tempo” (no inglês original), mas optei por compasso para evitar mal-entendidos com a palavra “tempo” em português. Outra dimensão, que não considerei aqui, é a “temporalidade” que relaciona o tempo social com os ritmos naturais de ciclos e mudança. Em outros autores, “temporalidade” é utilizada como um conceito equivalente ao de tempo social. Esse é o sentido que recebe esse termo neste trabalho.

mostrar, norteados pelas preocupações do presente. E a minha escolha, que buscou, em cada narrativa juvenil, elementos que me permitissem aprofundar determinados aspectos da vivência temporal desse grupo. Vemos de que maneira isso foi possível a partir de um caso prático: a análise da entrevista realizada com a jovem Natália, de 19 anos de idade.

Seguindo a inspiração de Herbert Mead, o primeiro passo na análise e apresentação da história de Natália consistiu na identificação do momento presente, que podia ser condensado na seguinte frase: “A gente tem a chave da gente, é o cantinho da gente”. Com efeito, depois de cinco anos morando com seu marido na casa da mãe da jovem, o casal tinha conseguido se mudar para uma casa só para eles, construída no terreno da avó da jovem. Outra condição que fazia parte do momento presente de Natália era sua recente gravidez, motivo de muita esperança e de projeção para o futuro: “Ter um filho é meu sonho!”

O segundo momento na análise consistiu em identificar os principais eventos biográficos na narrativa da jovem. Para isso, observei os momentos que se individualizam em seu relato, sendo objeto de um maior investimento por parte da narradora. Dentre as várias passagens biográficas, dois eventos apareceram nas entrevistas como “momentos fortes” (Mauss, 1974) ou turning points (Hareven, 1991), responsáveis por um “antes” e um “depois”, expressivamente demarcados: o casamento com o atual marido e o estabelecimento do domicílio próprio. Ficando apenas no primeiro desses eventos, é possível perceber duas formas aparentemente opostas de temporalização, uma que chama a atenção para a rapidez e outra que põe ênfase na lentidão e em sua atitude temporal correspondente: a espera.

Ao falar do casamento, Natália diz que foi “uma coisa rápida, não demorou muito”. A ideia de “rapidez” remete a dois aspectos. De um lado, Natália casou muito jovem, antes dos 16 anos, contrariando as expectativas sociais de prolongamento da juventude. Nesse sentido, “rápido” diz respeito ao timing das transições, mostrando que a jovem é sensível às representações hegemônicas a respeito dessa fase da vida, que põem ênfase no caráter preparatório da juventude, a partir do investimento educativo. Consequentemente, transições como a da própria Natália, através do casamento e/ou a maternidade, passam a ser vistas como inadequadas, marcadas pela precipitação e pela falta de controle do próprio destino¹⁰. Por outro lado, o casamento foi “rápido” porque precedido por um namoro muito curto, de apenas um mês, de acordo com os cálculos da jovem. Depois desse breve romance, Natália e Lúcio mantiveram relações sexuais, fato que redundou em seu casamento.

Apesar da “rapidez” com que tudo aconteceu, houve um intervalo entre a primeira relação sexual do casal e o anúncio do relacionamento aos pais de Natália. Cronologicamente, pode-se dizer que foi um breve período, de apenas uma semana. Entretanto, esse tempo foi subjetivamente vivido por Natália como uma espera interminável e tensa, dominada pela angústia de não saber qual o desfecho do passo que ela resolvera dar na vida. Chamo a atenção para um compasso temporal bem específico em toda essa passagem da narrativa da jovem:

¹⁰ Sobre esse assunto, ver Cabral e Heilborn (2005), Heilborn (2006) e Dalsgard, Franch e Scott (2008).

Mônica: Tu já tinhas namorado muito antes?

Natália: Já, eu era muito namorada, mas me entreguei só pra ele.

Mônica - E por que tu te entregaste para ele?

Natália: E eu sei! Sei lá, acho que me senti mais segura, porque tem namorado que a gente já conhece logo que não presta, que não vai assumir nada, e tem outros que a gente sabe que vai assumir... Pelo jeito, eu tinha certeza que ele ia assumir, por isso que eu fiz.

Mônica: Vocês falavam disso antes? Se um dia eu me entregar a você...

Natália: A gente conversava. Ele dizia que ia assumir, que não porque ele era novo não ia me assumir. Eu dizia "rapaz se não for..." Eu ficava com medo, com um pé na frente e outro atrás. E até mesmo depois que eu me perdi com ele, ele... foi no mês, a gente passou uma semana sem se ver. Depois que eu tinha me entregado para ele, passou uma semana sem se ver porque ele tinha ido pro quartel, passou uma semana sem me ver... Menina! Eu pensei que ele tinha me abandonado. Fiquei com medo, chorava dia e noite, porque tinha feito o que fez e tinha ido embora. Mas não. Aí ele ligou pra mim, não, eu fui na casa da mãe dele, aí a mãe dele disse que ele tinha ido pro quartel, que não deu pra ele se comunicar comigo antes. Aí eu "tá bem"... Aí eu peguei, não liguei. Aí passou um tempo e depois de uma semana ele voltou, veio do quartel, o carro do quartel parou aí de frente de casa, quando eu vejo, ele! Eu chega fiquei aliviada, chega eu tirei um peso da minha consciência. Aí ele conversou com meus pais, disse que não veio porque tava no quartel, que não tinha me abandonado, que ia ficar comigo.

A riqueza de detalhes do trecho acima é reveladora dos significados postos em jogo nesse momento da vida de Natália, definidores de um regime de temporalidade dominado pela espera. Tratava-se da primeira relação sexual da jovem. E apesar de todas as mudanças no terreno dos valores e comportamentos sexuais no Brasil nas últimas décadas, a primeira relação sexual ainda possui uma carga simbólica e social diferente para homens e mulheres, que pode ser mais ou menos evidenciada dependendo do contexto social. Para Natália, a "entrega" ao namorado não foi decorrência de um processo de experimentação, calcado na busca do prazer ou do autoconhecimento. Tratava-se, antes, de uma ação necessária no projeto de construção de um relacionamento estável com seu então namorado. Podemos então perceber o caráter angustiante da espera de Natália. Uma semana é um tempo muito longo quando está em jogo a definição de si e a construção de futuros. A narrativa, nesse ponto, ganha densidade. Natália descreve seus sentimentos e ações, fazendo-nos penetrar numa temporalidade específica, marcada pela lenta passagem dos dias, na espera de um acontecimento que defina sua situação. Trata-se de um período de liminaridade, uma terra pantanosa de indefinição social e subjetiva para Natália que, de repente, sente-se sem garantias para a passagem a sua condição desejada, de mulher casada. Nesse período, chegou a cogitar ir embora para o Rio de Janeiro, caso o namorado não voltasse para assumi-la. Mas, como num conto de fadas contemporâneo, finalmente ele voltou, se não montado num cavalo branco, ao menos numa versão moderna da cavalgada romântica: o carro do quartel. A metáfora não é casual. Permito-me acrescentar mais um trecho da entrevista para mostrar de que modo a narrativa da jovem se assemelha à estrutura do conto, com um final feliz:

Natália: Aí ele veio, parou o carro do quartel, veio até fardado e tudo, aí veio um colega dele que é Major e disse que tava no quartel, que não deu tempo [...] Fiquei com muito medo, pensei que ele tinha me abandonado, eu ficava pensando: “meu Deus, será que Lúcio foi embora e me abandonou?” Eu fiquei com medo, ele novo, com 17 anos...

Mônica: Como teria sido se ele não tivesse voltado?

Natália: Eu acho que eu tava lá pelo Rio, na casa da minha tia, ia pro Rio. Se ele não viesse assumir, eu ia pro Rio, terminava meus estudos lá e vivia por lá, tá entendendo. [...] Aí quando eu vi ele, chegou no sábado, justamente no sábado que é o dia que eu mais gosto, aí ele chegou, aí falou, todinho, com painho, aí a gente ficou junto.

Tempo de espera. Na experiência de Natália parecem ecoar, suavizadas, palavras escritas há muito tempo por Simone de Beauvoir (1980, 66), ao refletir sobre a adolescência feminina: “Já desligada de seu passado de criança, o presente só se lhe apresenta como uma transição; ela não descobre nele nenhum fim válido, tão somente ocupações. De uma maneira mais ou menos velada, sua juventude consome-se na espera. Ela aguarda o Homem”. E quando o Homem chega, toda a vida se transforma.

Fim de tempo

A pretensão deste ensaio foi de apresentar de forma didática as maneiras como a dimensão temporal emergiu numa pesquisa específica junto a jovens de bairros pobres da cidade do Recife, o tratamento analítico que foi dado à mesma e o modo como esses dados foram depois transpostos para o texto etnográfico. Os casos práticos escolhidos representam apenas uma pequena parcela das muitas ocasiões em que tempo se fez presente nas interações quotidianas com os jovens. Privilegiei aqui o tratamento dado às entrevistas em detrimento dos dados advindos da observação por um motivo bem simples: de forma semelhante ao relato escrito, a entrevista implica um trabalho ativo de temporalização entre as partes envolvidas, entrevistado e entrevistador, permitindo assim a elaboração de análises ricas em significado e densidade. Contudo, seria possível também discutirmos a partir das maneiras como o tempo aparece objetivado nos diversos ambientes de vida dos jovens, na arquitetura de suas casas e instituições, no traçado das ruas pelas que caminham, e até nos sons e cheiros que despertam seus sentidos.

Em todos esses e em muitos outros elementos, vemos homens e mulheres vivendo imersos em temporalidades concretas, e “fazendo o tempo” através de suas práticas comuns e extraordinárias. Desenvolver maneiras de apreender e escrever esses tempos parece-me, ainda, uma tarefa a ser abraçada por todos aqueles que querem apreender mais sobre o tempo e suas formas no mundo contemporâneo.

Referências

- Adam, Barbara (1995). *Timewatch. The social analysis of time*. Cambridge: Polity Press.
- Adam, Barbara (2004). *Time*. Cambridge: Polity Press.
- Cabral, Cristiane; Heilborn, Maria Luiza & Gravad, Grupo (2005). *União Juvenil: descrição de um perfil. Seminário As Famílias e as Políticas Públicas no Brasil*. Belo Horizonte.

- Beauvoir, Simone de (1980). *O Segundo Sexo. 2. A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Franch, Mônica (2000). *Tardes ao léu: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Gutierrez, Monica (2008). *Tempos, contratempos e passatempos. Um estudo sobre os sentidos e as práticas do tempo entre jovens de grupos populares*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Halbauchs, Maurice (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Hansen, Karen Tranberg (ed.) (2008). *Youth and the city in the global south*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- Hareven, Tamara (1991). Synchronizing individual time, family time, and historical time. In Bender, John; Wellbery, David E. Chronotypes. *The construction of time* (167-182). California: Stanford University Press.
- Heilborn, Maria Luiza (2006). Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In Heilborn, Maria Luiza et al. (org.) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiro* (30-58). Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.
- Leccardi, Carmen (2005). It tempo comme strumento di analisi sociale. In Crespi, Francesco (a cura di). *Tempo vola. L'esperienza del tempo nella società contemporanea*, (23-29). Bologna: Il Mulino.
- Mauss, Marcel (1974). Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimó. *Sociologia e Antropologia*, v.II. São Paulo: EPU.
- Mead, Herbert (1932). *The Philosophy of the Present*. Disponível em http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philpres/Mead_1932_toc.html Acessado em 3 de abril de 2008.
- Muxel, Anne (1996). *Individu et mémoire familiale*. Paris: Fayard.
- Tabboni, Simonetta (2006). *Les temps sociaux*. Paris: Armand Collin.
- Vieira, Nuno (2012). *O tempo nas aulas de matemática: os professores de matemática ensinam no tempo e não com o tempo*. Trabalho apresentado no Seminário Tempos Sociais e o Mundo Contemporâneo: Um debate para as Ciências Sociais e Humanidades. Braga, 9 e 10 de julho.
- Waiselfisz, Julio Jacobo (2011). *Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça.